

Universidade de São Paulo

FFCLRP – DEPARTAMENTO DE MÚSICA

História da Música II

Bruno Boldrin Ferreira – Nº USP: 11777092

ET. 12 - As origens da ópera:

Em Florença, na Itália, a partir dos encontros do grupo *Camerata* - que era composto por escritores e músicos – vários assuntos eram abordados. Entre os temas discutidos nos encontros, o grupo chegou à conclusão de que o complexo tecido contrapontístico utilizado na música vocal obscurecia o sentido das palavras. “Estas – pensavam eles – deveriam ter sempre mais importância do que a música, cuja função é exprimir-lhe o plano afetivo – as emoções e estados de alma” (Bennett, Roy – Uma Breve História da Música, pg. 35, 36). Assim, surgiram experiências que utilizavam um estilo mais simples, a chamada monodia, que era constituída por uma única linha melódica sustentada por uma linha de baixo instrumental, sobre a qual os acordes eram construídos.

A partir disso, a linha melódica vocal variava de acordo com o significado do texto e acompanhava o ritmo da pronúncia natural das palavras. Assim, esse estilo – meio cantado, meio recitado – ficou conhecido como recitativo. O acompanhamento era muito simples. Tudo resumia-se a um acompanhamento feito por um instrumento grave de corda, como o *cello*, por exemplo. Como essa linha instrumental continuava durante toda a peça, o nome dado a ela foi “baixo contínuo”. Porém, o compositor tinha necessidade de outros instrumentos – como o órgão e o cravo – para estruturar acordes sobre a linha do baixo e preencher a harmonia. Todos esses acordes deveriam ser tocados de forma improvisada e isso fazia com que a música dependesse do talento e da musicalidade do instrumentista. Certamente, as notas do baixo contínuo forneciam alguns indícios e além disso, o compositor usava, sob estas, alguns números que expressavam os acordes que tinha em mente. Assim, essa linha do baixo também é conhecida como “baixo cifrado”. O ideal de acompanhamento tocado por instrumentos *contínuos*, tocando a partir do baixo cifrado, estava fadado a permanecer durante todo o período barroco, e “viria a constituir a base da harmonia e da textura de praticamente todo o tipo de música” (Bennett, Roy – Uma breve história da música, pg. 36).

As primeiras óperas eram baseadas na mitologia grega e surgiram em Florença – na Itália – ainda nos anos de 1597, no final do século XVI. Os novos ideais de música vocal foram aplicados a todo um drama musical e, assim, surgiu o que poderia ser considerada como a primeira ópera. Era *Dafne*, que, como muitas outras óperas que iriam surgir nos próximos séculos, se baseava em uma antiga lenda grega. Infelizmente, a obra de Jacopo Peri se perdeu e apenas alguns fragmentos restaram. Assim, a primeira ópera a chegar na íntegra foi *Eurídice*, composta por Peri e Caccini.

A ideia foi se disseminando cada vez mais, porém, as primeiras óperas não contavam com grandes estruturas. Eram empregados “pequenos coros, danças e peças instrumentais, com uma textura de acordes simples, a cargo de uma “orquestra” não muito grande, formada por instrumentos reunidos mais ou menos ao acaso” (Bennett, Roy – Uma breve história da música, pg. 36). Os longos trechos de recitativo não geravam interesse algum e, para que a ópera sobrevivesse, era necessário a visão de uma figura diferente, alguém que trouxesse vida e emoção ao estilo. Assim, surgiu Claudio Monteverdi, que viveu no final do século XVI, princípio do século XVII.

A ópera *Orfeu* de Monteverdi, composta em 1607, é de fato a primeira grande ópera, com uma música que acentua o impacto dramático da história. Monteverdi, nas partes recitativas, mostra um plano de grandes emoções. Além disso, utiliza coros pequenos mas dramáticos, e também novas combinações de timbres introduzidas por peças instrumentais.

Com o passar do tempo, a ópera começa a apresentar diferenças de acordo com os países em que ela é apresentada. Na ópera italiana, predomina o virtuosismo da voz e menor importância do coro, com predominância da ária e conflito/contraste entre ária e recitativos. Na ópera italiana, tem-se Alessandro Scarlatti como principal expoente, conhecido por incorporar cenas bufas – que retrata temas cotidianos – à ópera e que, posteriormente, dão origem à ópera bufa no século XVIII. Já na França, o primeiro teatro de ópera se dá em 1671, e a ópera francesa se diferenciava da ópera italiana nos seguintes aspectos: o contraste entre ária e recitativo era menor e, assim, a opção pelo arioso era bastante comum.

Os principais expoentes da ópera francesa eram Jean-Baptiste Lully, que cria a abertura francesa e compõe a obra “*Armide et Renaud*”, sua principal ópera, e seu sucessor Jean-Philippe Rameau. Já na ópera espanhola temos um modelo igual àquele apresentado na Itália, e a maior personalidade na ópera da Espanha era Lope de Vega, compositor da obra “*Selva sin Amor*”; na ópera inglesa, temos John Blow, com “*Venus and Adonis*” e Henry Purcell, com “*Dido and Eneas*”; por fim, na ópera alemã, temos uma mistura de partes cantadas e partes faladas que foram chamadas de “*singspiel*” e a personalidade notável era Reichard Keiser.